



# XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

## Representação da Mulher Negra na Cultura Digital: combate ao preconceito na Rede

Diego Aric Cerqueira Souza e Cruz<sup>1</sup>  
Cleyton Williams Golveia da Silva Brandão<sup>2</sup>

O presente estudo tem em sua ontologia o mapeamento de páginas nas redes sociais digitais que tenham como intuito o combate do preconceito e dos discursos misóginos e racistas, com foco nas informações disponibilizadas e nos diálogos travados em rede. Para tanto, buscamos levantar análises sobre a cultura digital, próprias dos tempos de agora, onde os sujeitos e o cenário contemporâneo convergem mediados pelos processos tecnológicos e imersos em rede. A pesquisa tem como aporte metodológico a revisão de literatura e procurou-se travar diálogos com alguns interlocutores que orientam atualmente suas pesquisas no campo das categorias levantadas. Assim, pretende-se analisar a cultura digital como espaço de construção, a partir do que já foi exposto teoricamente e o que está sendo produzido sobre a temática, a fim de estabelecer, de modo contrastivo, fundamento para explicar os fenômenos que ocorrem em relação a representação da mulher negra nas redes sociais digitais.

**Palavras-chave:** Representação da Mulher Negra. Cultura Digital. Redes Sociais Digitais. Preconceito.

### Introdução

---

<sup>1</sup> Graduado em Relações Públicas com ênfase em Marketing pela Universidade Católica do Salvador - UCSAL (2011). Mestrando em Educação e Contemporaneidade pelo Programa de Pós - Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduc) da Universidade do Estado da Bahia. Concentra suas pesquisas em Educação a Distância, Redes Sociais Digitais, TIC e Formação de Professores; Gênero e Sexualidades. É pesquisador do grupo de pesquisa FORTEC: Formação, Tecnologias, Educação à Distância e Currículo, do grupo de pesquisa CANDACES - Grupo de Pesquisa Gênero, Raça, Cultura & Sociedade (GPG) e do Grupo de Estudo e Pesquisa da Memória Afro Baiana (GPMAB). Professor Colaborador da Faculdade de Ciências e Tecnologias (FTC).

<sup>2</sup> Graduado em Pedagogia Plena pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Graduado em Jornalismo pela Universidade Salvador (UNIFACS). Tem suas áreas de pesquisa concentradas em Violência Virtual e ambiente escolar, Relações Étnico - raciais, estudo da Intolerância às religiões de matriz africana no Brasil, relações de Gênero com ênfase no estudo de mulheres negras, Comunicação, Sociedade, Memes e Fake news.

Algumas perspectivas serão apresentadas ao longo do texto, sempre fazendo referência às relações contemporâneas entre a representação da mulher negra nas Redes Sociais Digitais; seu papel de movimentação cultural e resistência frente às adversidades na qual encontra-se como parte da cultura digital na atualidade.

Nessa direção, o presente artigo tem como compromisso discutir as movimentações ideológicas e o posicionamento de mulheres negras, bem como suas representações e sua resistência no combate ao preconceito, os discursos machistas e as relações de poder que se inscrevem nas redes sociais, disseminando e contribuindo para uma cultura alicerçada no patriarcado e nas estratégias de poder marcadas pelo racismo e pela misoginia.

Para tal, apresentamos também o papel da cultura digital, onde convergências/divergências/alienamentos ocorrem e quais os principais fatores que contribuem para uma cibercultura agressiva e um ciberespaço onde hiperlinks, hipertextos e ambientes híbridos subalternizam a mulher negra e eclodem movimentos de luta e combate. É nesse cenário que desejamos discutir como os navegadores do ciberespaço se apresentam e como esses fenômenos preconceituosos se circunscrevem.

Vale destacar que, na sociedade em rede (CASTELLS, 1999), ocorrem desigualdades em âmbito político e econômico, fruto dos processos civilizatórios determinados pela escravização de sujeitos sociais, negação de suas afetividades e necessidades, bem como no acesso a diversos bens materiais de consumo.

É válido destacar que, diante essa problemática, discussões acerca de questões relacionadas a inclusão digital e direitos sociais são cada vez mais necessárias, no sentido de que o acesso a cultura digital também acaba não sendo bem distribuído igualmente para população, e sobretudo, entre gêneros.

A falta de acesso ainda é uma realidade e a exposição da figura feminina ainda está aliada a pornografia, venda de produtos de beleza e marcações de padrões sociais e, cada vez mais crescente, a explícita e recorrente apresentação de campanhas racistas, bem como posts de subalternização da mulher negra que fere suas afetividades e causa, em muitas delas, indignação e veementes posicionamentos perante o extrapolar preconceituoso ao qual estão acostumadas a sofrer diariamente nas mídias digitais.

Dentro desse contexto, se apresenta o seguinte problema de pesquisa a ser investigado, no sentido de considerar

**de que maneira as mulheres negras estão combatendo o preconceito e o racismo alimentado pela cultura digital e seu papel de representação combativa nas Redes Sociais Digitais?** A partir dessa indagação, apresentamos o objetivo geral que é **analisar de que maneira as mulheres negras estão combatendo o preconceito e o racismo alimentado pela cultura digital e seu papel de representação combativa nas Redes Sociais Digitais.**

Para alcance do proposto no objetivo geral, buscamos três passos específicos, inscritos da seguinte maneira: 1. Dialogar sobre a representação da mulher negra em rede, analisando fatores históricos, o presente ainda negado e o que está por vir; 2. Averiguar como o preconceito torna-se um fenômeno na Cultura Digital e como as Redes Sociais Digitais se estabelecem como plataformas de diálogo e resistência; 3. Mapear alguns exemplos de preconceitos que envolvem o racismo e a misoginia, e como o resultado disso acarreta no sexismo fora dos ambientes híbridos e hipertextuais.

## **Representação da mulher negra: História e Pressupostos.**

Como consta nos documentos e estudos históricos, a colonização portuguesa no Brasil iniciou-se em 1500 e, a partir do processo de escravização do povo negro oriundo de África, a mulher é vista como um objeto de utilidade ao homem em todos os aspectos, inclusive os sexuais. Elas lhe deviam obediência, respeito e precisavam estar aptas para satisfazer a vontade dos cônjuges na ocasião em que eles julgassem convenientes. Cuidar da casa, dos filhos e atender as necessidades dos maridos eram seus únicos papéis sociais e desde a infância eram educadas para tais funções. Quando se tratavam de mulheres negras, a inferioridade imposta pela classe masculina piorava. Por ventura dos longos e sofridos anos de escravidão, a mulher “melanidade” sempre permaneceu em último lugar na escala social, sendo àquela que mais carregou desvantagens do injusto sistema racista e patriarcal do país.

Diversas pesquisas realizadas nos últimos anos comprovam que a mulher negra apresenta menor nível de escolaridade, trabalha mais, porém com rendimento menor. Dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) demonstram mais detalhes sobre a distribuição de mulheres negras e não negras no

trabalho doméstico, segundo algumas regiões metropolitanas. Em Salvador, mais de 85% da população é negra e em Porto Alegre, a maior proporção é de não negros:

Os serviços domésticos foram o segundo setor mais importante em termos de ocupação, com exceção de Salvador, onde o comércio empregou 17,5% das negras e os serviços domésticos, 17,0% e Fortaleza, onde os percentuais verificados foram 19,9% e 19,2%, respectivamente (Dieese, 2011).

Segundo Januário Garcia (2007), militante do movimento negro: está na hora de admitirmos que há histórias das mulheres negras sem o Brasil, mas não há Brasil sem as mulheres negras. Zumbi dos Palmares nasceu em 1655, em Alagoas. Ícone da resistência negra à escravidão liderou o Quilombo dos Palmares, comunidade livre formada por escravos fugitivos das fazendas no Brasil Colonial. Todavia, Dandara de Palmares foi de suma importância na construção e manutenção do Quilombo dos Palmares. Logo, por que ela não é exaltada no dia da consciência negra? Reflitamos.

Aqui, faz-se necessário salientar que a sociedade brasileira está vivendo a era da internet. Desde a década de 1990, com a popularização dos computadores e da rede online, as tecnologias digitais são cada vez mais inseridas no cotidiano dos sujeitos. As redes sociais digitais são um potencial entre os meios de comunicação e relações interpessoais. Entretanto, essas relações que, por vezes, são violentas no “mundo real”, se potencializaram no “mundo virtual”, principalmente contra o público feminino.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), sete a cada dez mulheres conectadas a internet já sofreram algum tipo de violência virtual – dados de 2016. Essas violências perpassam por crimes como assédio sexual, ameaças contra a vida, calúnia e difamação, chantagem, racismo, a chamada vingança pornô, além do machismo e da misoginia. Essa problemática agrava-se ainda mais quando se entende que as mulheres são alvos dos crimes supracitados apenas pelo fato de serem mulheres.

Sobre violência, Franco (1990) define como “um processo dirigido a certos fins, tendo diferentes causas, assumindo formas variadas e produzindo certos danos, alterações e consequências imediatas ou a longo prazo” (FRANCO, 1990). Essa definição nos permite pensar que a violência precisa ser interpretada e definida em suas várias faces, no mundo real e em rede, e por meio dos eventos em que se expressa, se repercute e se reproduz através da linguagem e do espaço em que é professado.

Em 2015, Valentina, uma menina de 12 anos, participante do programa de TV *MasterChef Júnior*, sofreu assédio criminoso nas redes sociais, chegando a receber mensagens com teor sexual. Este fato foi o estopim para o início da campanha #PrimeiroAssédio. Sobre isso, Virgínia Barros (2015) escreveu:

Os homens se depararam com uma multidão de mulheres relatando o constrangimento e a violência aos quais somos submetidas desde a infância (...) Mas o fato é que milhões de mulheres em todo o Brasil leram os relatos de outras mulheres e despertaram para a ideia de que ‘Não, eu não estou sozinha! (BARROS, 2015)

Na mesma época deste ocorrido com Valentina, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) surpreendeu a todos com sua questão feminista que citava Simone de Beauvoir e o tema de sua redação foi: “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. Para Virgínia Barros (2015):

Por algumas horas, milhões de pessoas precisaram parar para refletir sobre este assunto tão importante. E, veja bem, não se tratava da violência contra as mulheres simplesmente, o que por si só já seria marcante. Mas no enunciado da redação, uma palavra incomodava: ‘persistência’ (BARROS, 2015)

Ser mulher – negra – no Brasil nunca foi fácil. As sequelas dos prolixos e padecidos anos de escravidão e misoginia afetam as mulheres negras até hoje. Afinal, "ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.” MANDELA, 2008, p. 1. As mulheres negras precisam continuar insurgindo contra o racismo e batalhando para serem reconhecidas como mulheres. Desta forma, viveremos em uma sociedade repleta de *Yalodês* que, entre si – e apoiadas por políticas públicas e de conscientização social – , transformarão a sociedade em um ambiente seguro para o convívio de mulheres – negras.

**Cultura Digital, Redes Sociais Digitais e Preconceito: breve análise.**

Esta sessão analítica terá três premissas: 1. A análise sobre a cultura digital contemporânea, conexões e suas incidências na vida dos sujeitos; 2. As Redes Sociais Digitais, suas interpelações; características e apontamentos da vida dos indivíduos e sociedade e conceito chave; 3. O preconceito presente nesses ambientes virtuais, como se dá esse fenômeno e quem/como combate os mesmos conectados em rede.

A possibilidade de compartilhar, divulgar, disseminar e viralizar informações em curto espaço de tempo são os principais pontos das mídias digitais. A internet trouxe a capacidade de compartilhar através de dados e em processadores informações em tempo real, sendo o grande passo e criação de conexões e fluxos não lineares ao longo do século XX.

As mídias digitais trazem um alto grau de interatividade, interação, integração, colaboração, autonomia, uso, produção e consumo de conteúdos pelos próprios usuários, dessa forma, constroem um fenômeno cada vez mais presente no cotidiano dos sujeitos, a chama cultura digital. Nela, os sujeitos são autônomos e autores da produção e disseminação de conhecimento, criando um fluxo interacional e hipertextual.

As relações das mídias digitais, cotidianamente, trazem alguns pressupostos por sua complexidade e mutabilidade. Assim como as teorias da Comunicação, as mídias digitais passam por processos de reconstrução de conceitos, análises de diversos objetos de estudo e reformulação de teorias. Desse modo, ao pensar as mídias digitais em contextos contemporâneos faz-se necessário adentrar o ciberespaço:

O ciberespaço é o espaço de comunicação pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto dos sistemas de comunicação eletrônico (aí incluídos os conjuntos de redes hertzianas e telefônicas clássicas), na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais ou destinadas à digitalização (LEVY, 2011, p. 94-95).

É nesse espaço online que se constituem ataques de cunho perverso entre os sujeitos e, é nele também, que estão conteúdos de resistência e combate ao preconceito, nas suas mais agressivas manifestações. É importante entender as mídias digitais e suas provocações no que concerne a presença de discursos de ódio misóginos, traçando, de modo analítico, como o ciberespaço e a cibercultura se erguem no ambiente híbrido, especialmente em relação a representação e posicionamento de mulheres negras em torno de temas que ferem os direitos humanos, a igualdade de gênero e as discussões focadas

nas relações étnico – raciais.

As potencialidades dessas mídias digitais e a construção do conhecimento na cultura digital são indicativos para investigar de que modo a sociedade se comporta em relação a determinados temas. É no ciberespaço que os sujeitos se relacionam e criam vínculos sociais, culturais, políticos e emocionais.

Lévy (1999) anuncia pressupostos sobre o crescimento do ciberespaço, que para ele, é um novo meio de comunicação ascendente da interconexão computacional e, conseqüentemente, responsável pela cibercultura. Para o autor “a cibercultura expressa o surgimento de um novo universo, diferente das formas que vieram antes dele no sentido de que ele se constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer” (LÉVY, 1999, p. 15). Pode-se ver um “novo aluvião”, proveniente dos altos avanços tecnológicos e das telecomunicações, obviamente, considerando-se o advento da internet.

As mídias digitais e sua importância, deságuam na relação epistemológica do ciberespaço e cibercultura. A proposicionalidade dessas mídias trazem os dinamismos dos sujeitos enquanto pontos negativos e as “postagens” agressivas de modos que ferem os indivíduos e suas singularidades.

É necessária a análise das possíveis teorias que a circundam as mídias e redes sociais, no que caracteriza a representatividade de movimentos políticos e identitários, visto que “por conta da pluralidade das próprias mídias digitais, as teorias utilizadas para entendê-las também se caracterizam pela diversidade” (MARTINO, 2015, p. 15). Ainda para o autor, podemos perceber o poder das mídias digitais para as diversas esferas sociais, de forma política, administrativa e cultural:

Pensada em sentido mais amplo, a política nas mídias digitais relaciona-se com as diversas manifestações e afirmações de identidade, na disputa pela chance de chamar atenção de outras pessoas para problemas sociais diversos, procurando não apenas o engajamento, mas também a visibilidade. Isso significa aparecer em público e dar mais espaço para uma causa, reivindicação ou problema (MARTINO, 2015, pg. 86)

Essas políticas são responsáveis por grande parte do conteúdo, dos questionamentos e das problemáticas sociais que estão em voga na contemporaneidade, anunciando o posicionamento dos sujeitos e dando possibilidade de fala e articulação dos movimentos políticos, garantindo diálogo e conjecturas esclarecidas sobre temas como

relação e estratégias de gênero, sexualidades e raça. Para finalizar, frisamos que essa breve análise das mídias digitais e do ciberespaço permite perceber como o universo pesquisado vê as Tecnologias da Informação e Comunicação, as mídias digitais e seu papel dinamizador e potencializador de avanço e combate aos preconceitos.

Aprofundando, as redes sociais digitais, são nós que se tecem pelos desejos e autonomia dos sujeitos. É no seio dessa sociedade da informação e dos processos tecnológicos que os diálogos sobre as redes sociais se fundam como lugar de interação e relação entre os atores que ali estão imersos, apresentando um panorama para ações de cunho imoral e, emergindo ações de cyberbullying. A existência desses comportamentos misóginos transita pelo ciberespaço que pode ser considerado “o fenômeno técnico e social onde estão as redes sociais. É uma tecnologia retribalizante, que com a sociabilidade contemporânea produz a cibercultura” (LEMOS, 2010, p. 71).

Neles, as redes sociais aproximam os atores, estimulam as relações intersubjetivas e propiciam a comunicação dirigida e multilateral, ressignificando os sujeitos e a realidade. Portanto:

Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões (RECUERO, 2009, p. 24)

Dessa forma, as redes sociais caracterizam os laços firmados no ciberespaço, através de interesses (in) comuns ou não dos atores que estão trocando informações, ideias e materiais, não apenas do ponto de vista interacional, mas também no que tange o envolvimento de questões políticas, sociais e culturais, garantindo que “as relações entre os participantes deem o tom de seu funcionamento mais do que as características específicas de cada um” (MARTINO, 2015, p. 57).

Nesse momento que os sujeitos expõem seus questionamentos, dialogam ou impõem suas visões de mundo, diagnosticando o modo como dão atenção a determinada discussão, aqui, exemplificado pelas atitudes misóginas, que em contrapartida, recebem atenção devida com as representações de combate a discursos misóginos e racistas.

Além disso, as redes sociais digitais são plataformas em que surgem aspectos identitários dos sujeitos. Essas esferas dão lugar a “identidades múltiplas” (SANTAELLA, 2007, p.83), provocadas pelo contato não físico e por uma comunicação não linear. Essa distância acaba encorajando os indivíduos agressores a tomar voz para a

agressão, transformando as redes sociais e no ciberespaço, lugar de fala para suas ideologias racistas, sexistas, classistas e homofóbicas.

Essas identidades múltiplas somadas ao coletivo provocam a máxima de que as redes sociais digitais produzem “uma mente coletiva, um tipo de inteligência gerada pela interação entre os agentes em comunicação” (LEMOS; SANTAELLA, 2010, p. 25), sendo nocivo aos avanços conquistados e tomados ao longo dos processos civilizatórios. Nesses espaços, os indivíduos que estão imersos divulgam, socializam, comentam, curtem e compartilham atitudes, opiniões e pensamentos que chocam e assombram boa parte da sociedade, aqui, destacado pela figura da mulher negra em comparações abruptas e subalternizadoras, marcadas pelo machismo e pornografia, já que a mulher negra ainda é um corpo vislumbrado pela analogia pornográfica e sexista e a ideia de que “branca é pra casar, Mulata para F... e Negra para trabalhar” (PACHECO, 2008).

Portanto, as redes sociais digitais “representam um novo e complexo universo de fenômenos comunicativos, sociais e discursivos” (RECUERO, 2015, p. 25) e sua utilização na busca da dinamização da forma difundir conteúdo revela também aspectos do patriarcado da sociedade, demonstrando uma via de mão – dupla na relação agressor e agredida, onde ambos se envolvem, convergem, divergem e podem, além dos embates, acabar construindo conhecimento e o respeito nesses ambientes virtuais, o que raramente é percebido.

## **Conclusão**

O artigo exposto tratou de questões relativas ao preconceito contra mulheres negras na cultura digital na sociedade brasileira, além das searas do desenvolvimento tecnológico digital, desembocando no racismo e no preconceito instalado por uma sociedade machista, patriarcal e misógina. As reflexões giraram desde os conceitos de cultura digital, violência e cibercultura, até a – falta – história sobre o feminismo negro. Regras de comportamento, heteronormatividade, atitudes e preconceitos vorazes de uma parcela que não se encaixa nos modelos tidos como “corretos” da organização social, impulsionam discursos de ódio, estratégias de poder e dominação do sexo masculino ao feminino. A questão ainda é mais latente ao se falar de mulheres negras. O preconceito é ainda mais fagocitante, visto que o racismo é – por vezes - simbólico, o que acarreta na retirada da cidadania, de direitos e do poder de mulheres negras e guerreiras dia após dia.

Acreditamos que o passado negado das mulheres negras pode ser combatido com o auxílio das tecnologias digitais junto a políticas públicas governamentais. As filhas da terra adorada não fogem à luta. Homens e mulheres devem ser tratados de maneiras iguais, devem cumprir e ter direitos as mesmas leis, ter as mesmas oportunidades de trabalho, formação acadêmica e respeitar uns aos outros, independentemente de suas raças, crenças, ideais e valores. Destarte, chegar-se-ia em uma igualdade de gênero e as filhas – negras – deste solo teriam uma, genuína, mãe gentil.

## Referências

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5. Ed – Porto Alegre: Sulina, 2010.

LEMOS, Renata; SANTAELLA, Lúcia. **Redes Sociais Digitais – a cognição conectiva do Twitter**. 1ª Edição. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 3ª ed. 2010.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes e redes**. 2. Ed – Petrópolis, RJ. Vozes, 2015.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia** (Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2008).

RECUERO, Raquel. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. 2ª Edição. São Paulo: Paulus, 2007.

CONCEIÇÃO, Joalice (org). **Masculinidades e Feminilidades como Estratégia de Poder**. Rio de Janeiro. Multifoco, 2012

GOULART, Jefferson O. **Mídia e Democracia**. São Paulo. Annablume, 2006.

\_\_\_\_\_. **Mediatamente: Televisão, Cultura e Educação**. Secretaria de Educação a Distância – Brasília, DF.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um Defeito de Cor**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2012.